

Grotesco ~ UM gótico Épico

por GE Graven



Capítulo XX

[Capítulo final do Livro 1: *Ressurreição*]



Lázaro seguia o espectro esverdeado e brilhante de Lorde Medici enquanto voavam.

Seguiu para o sul ao longo de uma costa coberta de coníferas, em direção à vila portuária de *Saint Maxime*. À sua direita, avistou a tênue e irregular orla marítima, com suas inúmeras enseadas e penínsulas; e, em seu voo veloz, a linha costeira poderia ter lhe parecido apenas um borrão oscilante, saltando para lá e para cá, repetidamente. Mesmo em movimento, à sua esquerda, o vasto oceano e seu horizonte carmesim impressionavam seus olhos como uma paisagem marinha imóvel. Ainda assim, Lázaro pressentiu uma gradação sutil, quase imperceptível, naquela fina linha vermelha da aurora. Seu brilho crescente e calor intenso quase prenunciavam um dragão fervoroso e flamejante, em ascensão precipitada, determinado a incinerar a face da terra com sua luz mortal.

O tempo rolava sob o bater de asas e o ritmo do coração acelerado de Eljo marcava meticulosamente sua passagem em meras frações. Lázaro voou adiante, mesmo enquanto as extremidades mais distantes das nuvens orientais brilhavam em tons avermelhados que poderiam ter se assemelhado a uma colagem de colossais manchas de sangue, espalhadas contra a face inferior do C. Ele dobrou o passo, acompanhando Medici; contudo, o Fantasma prosseguiu em frente.

pressa deliberada e ininterrupta. Linhas finas irradiavam do horizonte em direção ao mar, espalhando-se para fora e através dos céus tênues com uma semelhança aos primórdios de um monstruosa teia de aranha flamejante. Jatos massivos de luz do nascer do sol rasgavam o céu, e tão grandioso foi esse espetáculo celestial da aurora que, de longe, a silhueta de Lázaro poderia ter se assemelhado à sombra de uma mariposa contra o brilho de um vulcão imenso.

O alarme de Lázaro transformou-se em pavor — e em pânico — quando ele exclamou: "Medicci, não há mais tempo!"

"Só mais um pouco, Lázaro!"

"Não; devo seguir para o interior!"

"Não! É ali mesmo!", exclamou Medicci, apontando para a frente, em direção a um afloramento rochoso que formava uma longa península. "Estamos quase lá! Depressa!"

Lázaro cerrou os dentes, tensionou os ombros, inclinou-se contra o vento e lançou-se para a frente. Com uma nova velocidade, ele mergulhou e deslizou rente à superfície do mar, agarrando-se firmemente ao calcanhar de Medicci. Juntos, contornaram o cabo rochoso e fizeram uma curva acentuada. Penas explodiram sobre o oceano quando Lázaro dispersou um bando de aves que habitavam os penhascos. Elas rasgaram o ar com asas assustadas, cobriram o istmo rochoso e seguiram para o interior, navegando para uma enseada de águas rasas e esverdeadas. A enseada estava repleta de pequenas ilhas espalhadas aleatoriamente, que poderiam ter parecido amontoados de rochas nuas e marcadas, como torres de igrejas. Em conjunto, elas se erguiam na baía como lápides cinzentas, queimadas pelo oceano, emergindo do verde mais amplo de uma sepultura aquática.

"Ela está lá!" Medicci apontou para um par de ilhas próximas que, juntas, poderiam ter se assemelhado a uma fileira de caninos inferiores, completos com incisivos, apontando para o céu. Uma estreita faixa de águas mais escuras separava as formações rochosas. E conforme Lázaro se aproximava do espaço oceânico entre as ilhas gêmeas, ele avistou uma estrutura distinta e aparentemente deslocada que, de seu ponto de vista cada vez mais próximo, foi se tornando mais nítida.

"O que você acha?" perguntou Medicci em voz alta enquanto se aproximava de Lázaro. "Ela é um refúgio adequado e está guardada em um local remoto, não é?" Nas sombras das rochas, Lázaro avistou os restos de um navio cog inclinado, afundado na popa e com a proa apontando para cima; e Devido ao seu ângulo peculiar na água, a embarcação poderia ter parecido destinada a navegar diretamente para os céus do norte, não fosse impedida pelas ondas do oceano. Lázaro diminuiu a velocidade para inspecionar melhor os destroços inclinados.

As tábuas manchadas do casco revelavam uma linha d'água outrora nivelada, e logo abaixo delas, um manto.

Uma camada de cracas branqueadas se projetava das laterais da proa saliente, dando ao navio virado e em ruínas a aparência de ostentar uma barba branca e óssea. E havia mais, por menor que fosse, que sugeria que a embarcação não era apenas uma carcaça sem vida. Lázaro avistou grandes cordas de cânhamo que atravessavam o convés coberto de algas, ainda presas a várias partes do navio. Havia também outras, parcialmente amarradas, com as pontas soltas pendendo sobre a popa e balançando livremente na água escura. Ondas rítmicas e sombrias balançavam as cordas desgastadas, fazendo-as se mover em uníssono, assemelhando-se a uma fileira de serpentes erguidas e dançantes.

Em suma, o navio poderia parecer de tamanho considerável; no entanto, não era de um projeto adequado para longas viagens oceânicas, mas sim uma embarcação de construção limitada. Ter superado as serenas águas do litoral entre os portos costeiros provinciais.

Contudo, em seu estado excepcionalmente precário, a embarcação não possuía velas nem mastro; e restos de um convés de popa jaziam desmoronados sobre o convés principal. Além disso, sobre a maior parte de suas plataformas cobertas de algas e balaústres quebrados, partes de carcaças de peixes secos estavam espalhadas, provavelmente como evidência de refeições anteriores de gaivotas.

Medicci desembarcou no navio enquanto Lázaro dava uma nova volta ao redor da embarcação para inspecionar melhor o casco em busca de brechas e, satisfeito com a aparente solidez do navio, juntou-se a Medicci no convés principal. As tábuas rangeram sob seu novo peso. Medicci marchou pesadamente e silenciosamente em direção ao porão do navio. "Aqui dentro", gritou ele antes de desaparecer lá dentro. Lázaro caminhou levemente atrás dele, as tábuas do convés rangendo a cada passo firme. "Eu não gosto disso", resmungou ele, ainda ofegante da viagem. "É seguro?" Ele enxugou o suor da testa e acariciou um galo na testa.

"Ela é segura o suficiente para uma estadia de um dia", gritou Medicci de baixo, sua voz ecoando pelo porão do navio. "E sua barriga é escura como a noite — bem adequada para sua aflição, eu." "Reúnam-se." Sons de batidas e pancadas ecoavam pelo convés, ruídos como os de nós dos dedos batendo na madeira, quando a voz abafada de Medicci acrescentou: "Seu casco está em boas condições, considerando seu estado. Suspeito que estas ilhas a tenham poupado do impacto de muitas tempestades. E ela está um pouco inclinada para a popa; no entanto... Lázaro? Por que você permanece no convés?"

Sob o véu das sombras da ilha, Lázaro lançou um último olhar para cima, para as formações rochosas nuas, antes de descer às profundezas escuras do interior da embarcação. Enquanto isso, Ele reclamou: "Como não sou um Spectre Medicci flutuante sem asas, preciso recuperar o fôlego de vez em quando."

O Espectro deu uma risadinha. "Você voa tão depressa, Lázaro; eu jamais suspeitaria de tal coisa."

Lázaro apoiou as botas pesadamente no fundo do casco, virou-se e cruzou os braços.

Olhou fixamente na direção de Medicci. "Quase morri de sol; matei um pássaro com a cabeça; e quase me joguei no mar. E agora devemos rir disso?"

Medicci bufou e conteve o riso no mesmo fôlego enquanto tirava várias penas de gaivota presas no cabelo de Lázaro. "Perdoe-me, Lázaro. Nunca vi você se chocar contra um pássaro. Você está ferido?"

"Melhor que o pássaro", respondeu Lázaro, examinando novamente o caroço rosado em sua testa. "Não pretendo minimizar seus infortúnios, Lázaro." Medicci aproximou-se de Lázaro e examinou sua testa. "Talvez, depois de duzentos anos, sua nova companhia tenha lançado uma nova luz sobre minha própria aflição. Estranhamente, agora parece que tenho bons motivos para temer a morte; e com ela, sinto-me mais vivo. Não a minha morte, entenda, mas a sua. Afinal, se você perecer, eu certamente perecerei também, junto com minha pobre Sofia." Medicci pigarreou, juntou suas mãos e lhe ofereceu um juramento solene: "Lázaro, dou-lhe minha palavra de que jamais o conduzirei conscientemente ao perigo."

Lázaro sorriu fracamente e assentiu; e o Fantasma revelou o paradeiro de Lázaro de braços abertos. "Então aqui está você, com apenas um galho na testa, mas completamente a salvo do sol, não é?"

Lázaro mergulhou profundamente em seus sentidos — seu nariz sentiu o gosto do ar úmido e salgado, com sua mistura de odores que emanavam de algas, peixes, madeira em decomposição e o suor adocicado em suas roupas. Felizmente, o último vestígio do fedor do pescador havia desaparecido de suas vestes. Ele sentiu as gotas frias de suor na carne de suas asas, agora geladas na penumbra do porão, refrescadas pelo oceano. Suas pupilas dilataram na escuridão e as características do interior do navio tomaram forma. Ele pôde ver que Medicci falava a verdade — o interior da embarcação parecia sólido, com suas costelas e casco bem selados. O Espectro deu uma risadinha. Ele sentiu o ângulo anormal de seus pés; e examinou o piso para descobrir que a tábua mais distante desaparecia sob uma poça de água negra e estagnada que se estendia por toda a largura da popa do porão. Ele se virou e inspecionou a parte mais estreita da proa do piso do porão, que estava alta e seca. Ele olhou por cima, através da entrada do porão, para ver o céu nu e suas estrelas expostas. Então, voltou-se para Medicci e apontou para cima. "Infelizmente, o sol nasce; e em seu brilho mais intenso, ele dissipará esta escuridão — e a mim, com ela."

Lázaro fez menção de subir ao convés quando Medicci surgiu em disparada e o deteve. "Não se preocupe; permita-me. Descanse." O Espectro sorriu com desdém e sussurrou -lhe a sabedoria enigmática, rítmica e filosófica de um médico: "Assim como toda aflição leva à sua morte, também nós podemos maltratar nossos infortúnios e, assim, dar-lhes uma cura." "Isso traz alívio e tranquilidade."

“E o que isso significa?”

“Significa que algumas vigas espalhadas podem transformar até o dia mais claro na noite mais escura.”
Ele deu uma risadinha e desapareceu no convés.

Lá em cima, Lázaro observava Medicci desaparecer e reaparecer apressadamente, apenas para retornar com novos pedaços do convés desabado do navio e sobrepô-los na abertura. E quando o último pedaço de madeira removeu qualquer vestígio do céu, Medicci voltou para baixo e ficou ao lado de Lázaro para contemplar o lado mais sombrio de seus atos. “Preto como breu; como você deseja. O que acha?”

Lázaro sorriu cansado. “Ora, obrigado ... mais uma vez.” Ele se virou e subiu o piso inclinado em direção à proa do porão, até as tábuas do casco que jaziam altas e secas.

Perto da proa, ele se ajoelhou e se deixou cair de barriga para baixo antes de, preguiçosamente, reorganizar as asas. Na escuridão silenciosa que se seguiu, o murmúrio das ondas e o rangido do casco quase o embalaram para dormir quando, de repente, respirou fundo e se mexeu. “Medicci?”

“Sim, Lázaro?”

Você nunca se cansa?

“De certa forma”, respondeu Medicci, “mas de uma maneira diferente da que você poderia imaginar.”

“Como assim?”

O Fantasma fez uma pausa, provavelmente em contemplação. “Talvez isso se expresse melhor por meio de um exemplo—então Vou apresentar a questão da seguinte forma: você consegue se lembrar de um momento em sua vida em que sofreu uma perda profunda e, com ela, uma tristeza tão intensa que se sentiu sem nenhuma vontade de viver?”
“Eu posso.”

“Espêndido”, disse Medicci. “Agora, se quiser, tente separar a tristeza do momento, de modo que a vontade ausente seja tudo o que reste. E, por meio dessa solidão, você também poderá saber como uma alma se sente quando se cansa.”

“Medicci?”

“Sim?”

“Você consegue voar para sempre — sem nunca se cansar?”

“Eu nunca tentei. E com aquele *anjo voador com aparência de bode*, buscando tudo o que pode devorar, não vou arriscar.”

“Azazel?”

“O mesmo. E eu não ficaria tão surpreso se tanto Azazel quanto Azrael tivessem meios de voar para sempre; enquanto percorrem o mundo, subindo e descendo nele, em busca de almas perdidas como eu.”

“Para cima e para baixo?”

O Fantasma deu uma risadinha. “Aprendi um pouco sobre os caminhos dos Anjos em meus muitos anos.”

mortos. Afinal, eles ainda não conseguiram me capturar, mesmo enquanto me movo entre eles, indo e vindo pelo mundo. Já vi centenas de Anjos por aí, todos como Espíritos e Sombras — nós apenas falamos dos dois porque eles são os buscadores de almas errantes.

“Então, esses anjos buscam as almas que ainda não deixaram este mundo. É o que eu presumo”, afirmou Lázaro. O Espírito assentiu com a cabeça. “Apenas os dois, pelo que entendi de Azrael — Azrael e Azazel buscam almas.” Talvez eu pudesse ser mais informal na descrição deles.” Ele acariciou o queixo e então balançou o dedo apontando para cima enquanto continuava. “Esses dois são como os servos divinos da Grande Mansão da Criação, que recolhem os resíduos e a desordem, mantendo assim a Grande Casa organizada e limpa.” Medicci deu de ombros. “Eles vão para lá e para cá, na esperança de me encontrar, mas eu não estou lá, pois sei como e onde eles procuram me capturar. O túmulo da minha Sofia é um desses lugares onde Azrael fica à espreita, como uma serpente no calcanhar. No entanto, ela sempre me deixa escapar tão rapidamente quanto me pega. É como um jogo sazonal que jogamos — eu finjo minha intenção de ir com ela; e ela me permite escapar novamente. E, de fato, Lázaro, muitas vezes me perguntei se eu não seria a alma mais antiga a vagar pela Terra.” Medicci bateu na madeira. “Diga-me, meu sábio e alado escudeiro. Saberias por que, depois de dois séculos, Deus ainda não me varreu da face da Terra?”

Tenho certeza de que Ele me vê, tão facilmente quanto qualquer um veria um pedaço de lixo ou um emaranhado de cabelo voando pelo chão. O que você acha? Por quê?

Lázaro bufou uma vez antes de se acomodar num ronco constante.



O sol subiu alto, pairando sobre as ilhas gêmeas, banhando o navio Fantasma encalhado com seus raios do meio-dia e escurecendo as algas recém-crescidas da noite anterior. Gaivotas tagarelas se reuniam no convés, onde dilaceravam a carne de peixes que respiravam por guelras. E assim, a pesca de mais um dia de Olhos de Peixes secava sob um céu ardente. Contudo, em nenhum momento o sol violou o interior da embarcação — Lázaro dormia profundamente em seu ventre fresco e sombrio. O meio-dia deu lugar à tarde enquanto a sombra da ilha a oeste se estendia sobre a embarcação. O crepúsculo chegou; e quando os ventos cessaram e as marés mudaram, as gaivotas mais uma vez abandonaram o navio rumo ao continente, deixando a noite para espantar mais um dia. de peixe fresco, seco e com olhos bem abertos.

Uma grande lua alaranjada surgiu do mar a leste, lançando sua luz fria sobre o oceano. E como um galo que se agita ao primeiro brilho do amanhecer, Lázaro despertou para os últimos tons de uma noite acinzentada.

“Você dormiu profundamente.” A voz de Medicci ecoou pelo porão.

Lázaro tentou recuperar o fôlego. Virou-se de costas, gemeu, esfregou os olhos e

Acariciou a lateral da bochecha dele, que apresentava nítidas marcas de tábuas do assoalho. Então avistou Medicci perto da popa do casco, com ambas as mãos e os dedos entrelaçados segurando as costuras opostas do colete. Ele estava de pé, com um ar de aparente dignidade, embora com água até os joelhos.

“Boa noite.” Medicci cumprimentou-o e caminhou em sua direção, saindo da água, que não ondulava. “Você está bem descansado?”

“Eu sou.”

“Bem, fico contente em saber que um de nós está descansado”, reclamou Medicci. “Você me impede de dormir a noite toda com seu ronco.”

“Perdoe-me, Medicci. Talvez eu—”

Medicci riu, especialmente da ideia de um Fantasma adormecido.

Deliberadamente, Lázaro se levantou. Olhou para Medicci com olhos afiados como facas. “Devo rir agora?”

Um Medicci pálido parou abruptamente, sua expressão alegre desaparecendo; e Lázaro deu uma risadinha ao ver o fantasma assustado.

“Você realmente me enganou”, admitiu Medicci, apontando o dedo para Lázaro e retomando o passo.

Lázaro exibiu um sorriso de satisfação. “Desejo-te também uma boa noite.” Fez uma breve reverência.

Medicci parou diante de Lázaro e fez uma reverência. “Bem-vindo a bordo da Joia do Éden.”

“Joia de quem?”

“Éden”, respondeu Medicci prontamente. Apontou por cima do ombro de Lázaro, em direção à proa. “É o nome do navio. Enquanto você dormia, aventurei-me a inspecioná-lo melhor; e seu estado atual revela muito sobre seu passado.”

“Como assim?”

Medicci juntou as mãos atrás das costas, inclinou-se para trás e sorriu com desdém. “Contarei a você, meu bom Lázaro.” Ele baixou o olhar contemplativo para o chão e caminhou em círculos fechados, compartilhando suas descobertas. “Parece-me que ela estava pesada na água, carregando rolos de tecido e peças para roupas, quando encalhou. A maior parte de sua carga esfarrapada agora repousa no fundo rochoso do mar, talvez descartada por sua tripulação em todas as tentativas de aliviar sua carga. Além disso, parece que tentaram puxá-la para trás com uma segunda embarcação, na esperança de desprendê-la das rochas.”

Medicci revirou os olhos sem hesitar. “Claramente, não houve incidentes, já que ela ainda está firmemente proa. Reuni essas informações a partir de suas muitas cordas amarradas, as maiores delas ainda dispostas em arranjo preciso sobre o convés, com as pontas quebradas uniformemente drapeadas sobre a popa.

E, claro, além da mão de Deus, só um navio maior pode puxar um navio menor.”

Medicci parou e olhou diretamente para Lázaro, assentindo com a cabeça. “Suspeito que sua ousadia e

O capitão impaciente avançou a toda velocidade em mares rasos, com um vento forte e velas totalmente içadas, quando traçou um rumo entre essas ilhas opostas. Talvez tivesse feito bem em se manter longe delas, independentemente da tentação ou do custo." Então, deu de ombros. "No entanto, aqui está ela, aguardando seu fim — uma antiga joia de embarcação — desde então descartada e esquecida por todos." mas os pássaros e os peixes. E provavelmente somos seus últimos passageiros antes que ela siga o mesmo caminho de sua carga afundada."

"Você tem um olhar apurado para os detalhes", respondeu Lázaro. "Eu tento fazer o mesmo, quando tenho oportunidade."

"Bem, é apenas por observação. Mas posso igualmente suspeitar de tudo isso erroneamente, entenda bem."

"Acho que não", respondeu Lázaro com um sorriso. "Você parece extrair as maiores verdades dos menores sinais."

Medicci ergueu a sobrancelha. "Palavras, gentilmente aceitas; contudo, somente pela Graça de Deus posso conhecer a Verdade." Ele gesticulou para cima.

"Agora, vamos subir ao convés para agitar e despertar o mundo de seu sono crepuscular?"

"Ah, sim", respondeu Lázaro. Ele se virou e escalou a vitrine vertical, empurrando camadas de material. As tábuas se afastaram, revelando um céu claro e luminoso. E como um esquilo que emerge cautelosamente, Lázaro ergueu o olhar apenas até a altura dos olhos no convés iluminado pela lua para espiar por cima da superfície. Ele Descobriram a figura ascendente e apressada do Fantasma, que se erguia claramente através do convés sólido.

"Então venha; a noite é sua" , insistiu Medicci, fazendo um gesto para que Lázaro emergisse por inteiro.

Lázaro lançou um olhar furioso para o Espectro antes de sair do porão. Caminhou cautelosamente sobre o convés coberto de algas, examinando a desordem de partes de peixe seco, madeira fragmentada e lascada, e a teia emaranhada de cordas que se estendia para todos os lados; e, para cima e para baixo, por toda a extensão da embarcação.

Medicci o seguia silenciosamente, com a atenção absorta nos céus.

Lázaro caminhou cautelosamente em direção à proa elevada do navio. Suas roupas chicoteavam numa brisa quente e constante que soprava do continente em direção ao mar. Ele parou perto da proa e examinou a quilha, que ostentava a escultura parcial das costas nuas de uma mulher, agora quebrada na altura da cintura. "A joia", murmurou Lázaro, procurando pelo convés por restos do torso dela, encontrando apenas lascas de madeira e cordas espalhadas. Ele se voltou para o mar, afastou os cabelos desgrenhados pelo vento do rosto e os prendeu contra a cabeça. De seu novo ponto de vista no convés de proa, e enquanto observava a parte inferior norte da ilha voltada para o mar, avistou a face luminosa e nascente da lua. Um halo avermelhado e nebuloso circundava o astro alaranjado, conferindo ao corpo celeste uma aparência sinistra e fantasmagórica. Lázaro permaneceu imóvel

uma estátua, enquanto se dava conta da imensidão e do abismo profundo à sua frente. Por fim, perguntou : "Qual a profundidade do oceano?"

Sem obter resposta, Eljo se virou e encontrou o Fantasma absorto em uma questão de aparência externa. Medicci estava de costas para Lázaro, com um braço erguido em direção ao céu sudeste. Ele olhava entre dois dedos eretos que formavam um V, através de que ele alinhou em seu ponto crucial, uma linha de visão fixa contra as estrelas. Então, juntou os dedos, virou-os para o lado e baixou o braço para trazer o par de dedos apontadores. Os dedos alinhados com o horizonte. E num único movimento fluido, ele discerniu a direção precisa da distante ilha da Córsega. "Em linha reta, assim poderíamos ir" , refletiu em voz alta, apoiando as mãos nos quadris e observando o mar negro.

"Medicci?"

O Fantasma girou como um mestre das artes submerso e subitamente assustado, arrancado inesperadamente de um mundo extraordinário e abstrato de extrapolação.

"Ah, hum... sim, Lázaro?"

Você sabe qual é a verdadeira profundidade do oceano?

"Eu acredito", respondeu Medicci. "E realmente depende, Lázaro. Há partes que não são mais profundas do que a altura das suas botas. E há outras partes que não são menos rasas do que a altura das nuvens." Ele parou antes de Lázaro e explicou melhor. "Poderíamos imaginar que a geografia do oceano se assemelha muito à geografia da terra, com suas montanhas mais altas e vales mais profundos. Além disso, a água do mundo flui em ondas, assim como o éter da Terra sopra em ventos."

Lázaro assentiu com a cabeça e examinou o oceano, contemplando suas profundezas sob uma nova luz. Lançou um olhar para os céus, buscando confirmação. "Tão profundo quanto a altura das nuvens, você diz?" "De fato, e ainda mais profundamente; eu sei, em seus confins mais remotos."

"Como você sabe disso?"

Medicci suspirou, cruzou os braços e balançou para trás sobre os calcanhares. "Isto eu sei, pois o mundo me disse. Nos meus muitos anos sem corpo, vi grande parte da face da Terra. Percorri todos os seus terrenos, indo e vindo; tanto no alto quanto no baixo. Das nuvens mais altas e montanhas mais imponentes, aos oceanos mais profundos e águas mais escuras sob a Terra, procurei o paradeiro do Inferno. Verdadeiramente, os oceanos são vastos, variados e profundos — o suficiente para parecerem mundos sombrios e desoladores à parte."

Após espiar por cima da borda do convés, Lázaro voltou-se para Medicci. "Na superfície, não parece tão profundo."

"Verdade", respondeu Medicci, segurando as costuras de sua vestimenta com ambas as mãos e adotando a postura.

Postura de um estadista orgulhoso. “À primeira vista, a maioria das coisas parece assim — simples, inofensiva e talvez até pacífica. No entanto, mesmo uma pedra comum, uma vez virada, muitas vezes revela facetas misteriosas e mecanismos ocultos sob ela — em sua maioria desagradáveis.” Ele ofereceu uma inspeção intensa e minuciosa do convés do navio, como se procurasse ouvidos curiosos ou transeuntes espíões. Então, sorriu com desdém e sussurrou: “Em meus tempos de alquimista, virei muitas pedras intocadas, por assim dizer; impulsionado a desenterrar muitos dos maravilhosos mistérios do mundo. E tudo isso enquanto a Igreja permanecia alheia — meu trabalho permaneceu secreto aos olhos curiosos.” Ele deu uma risada seca.

"Por que você escondeu seu trabalho?", perguntou Lázaro.

Num gesto melodramático de desapontamento, Medici bufou e deixou cair o seu agora inerte com os braços ao lado do corpo. “É o jeito do povo da aldeia — especialmente daqueles que se apavoram até com a menor sombra da noite, ou veem suas próprias sombras como demônios e diabos que os perseguem secretamente para roubar suas almas. Eu morei em uma cidade repleta dessas baboseiras comunitárias inspiradas pela Igreja. E como alquimista da época, em busca do *Elixir dos Antigos* e sua cura para a aflição da Morte, até os mínimos detalhes dos meus estudos exigiam o máximo sigilo.”

“No entanto, curar a aflição é algo bom; então, por que o segredo?”

"Por que você pergunta?", indagou Medici, soltando uma gargalhada de aparente incredulidade. "Para que eu não desperte as suspeitas da cidade, incite o medo coletivo e me veja diante do conselho da Igreja, defendendo-me de acusações de heresia e bruxaria. Depois disso, eu seria levado à praça do mercado, batizado em piche, incendiado e serviria como um exemplo exemplar da brilhante e suprema tocha da Igreja da cidade." Lázaro estreitou os olhos para as imagens fortes, atordoado pela cena.

Medici pigarreou. "Lázaro, não sei se você está ciente disso, mas a Igreja chega a queimar pessoas vivas por crimes muito menores do que praticar alquimia, fisiognomia ou disciplina similar, sem um supervisor eclesiástico devidamente nomeado ."

“Lembro-me de ter ouvido falar de tais queimaduras”, admitiu Lázaro, agora ponderando sobre o destino presumido do prisioneiro das catacumbas. “Ser queimado até os ossos.”

“Até virarem cinzas e pó”, afirmou Medici, com um toque de repugnância. “São queimados para manter o tolo subserviente sob o domínio pontifício.” Ele balançou a cabeça. “No ano anterior à minha última viagem ao exterior, a praça da cidade brilhava intensamente a cada lua nova — intensamente com os corpos queimados dos acusados pelo conselho. E as queimas rituais eram tão rotineiras que os moradores começaram a se esconder em suas casas.”

casas e condenavam secretamente a Igreja. Concordei com eles e, embora não fosse tão apaixonado quanto a maioria, permiti que meus convidados expressassem abertamente sua indignação com as execuções em massa. Foi somente após um incidente específico que a fúria tomou conta até mesmo dos moradores mais influentes da cidade. Fiquei terrivelmente zangado, e minha Sofia estava em lágrimas — assim como muitos de nós que conhecíamos o rapaz acusado. O garoto sofreu terrivelmente nas mãos do conselho da Igreja.”

“O que o menino fez?”, perguntou Lázaro.

“Nada de significativo, pelo menos que soubéssemos”, respondeu Medici, na defensiva. “ Devo dizer que o menino se comportava um pouco diferente dos seus colegas; e talvez sua aparência fosse igualmente peculiar. Ele era bastante ativo e inquieto; sua mente divagava, e ele frequentemente falava de forma tão ampla e apressada que suas intenções originais muitas vezes lhe escapavam antes mesmo de conseguir terminar as palavras. No entanto, eu realmente acreditava que ele tinha mais qualidades redentoras do que a maioria dos meninos travessos de seus onze anos. Seu nome era Stephan e, por intermédio de Sophia, acabei me afeiçoando a ele e à sua igualmente impressionante mãe, Magdalena.” Medici caminhou até a borda do navio e enfiou as mãos nos bolsos. Observou as rochas nuas da ilha costeira.

Medici prosseguiu, de costas para Lázaro: “Os pais de Estêvão eram pessoas boas, tementes a Deus e cumpridoras de seus deveres. Eram nobres de posição elevada, antes de perderem uma sucessão de filhos.” investimentos substanciais e adotando um estilo de vida mais... como posso dizer... talvez mais prudente.” Medici deu de ombros. “Bem, elas não foram reduzidas à miséria, entenda bem; embora muitos de seus antigos conhecidos nobres se tornassem, cada vez mais e convenientemente, mais indisponíveis. Mesmo assim, nossas portas permaneceram abertas para elas, já que Sofia e Madalena haviam se tornado como irmãs ao longo dos anos. Ricas, pobres ou de qualquer outra forma; nem mesmo Deus e o Diabo, trabalhando juntos, poderiam separá-las, nem mesmo por um espaço maior do que o que existe entre um botão e sua linha. Além disso, o que era riqueza para Madalena quando Sofia frequentemente carregava minha bolsa para as lojas da cidade para uma farra compartilhada de gastos extravagantes? Sofia estava ansiosa para agradá-la; contudo, eu não me importava mais com minha bolsa do que com isso. Afinal, minhas disciplinas exigiam mais. dos meus dias, deixando Sophia com bastante tempo livre para si mesma. E, como meu trabalho não foi afetado negativamente, Magdalena e Stephan ofereceram a Sophia uma atenção especial que eu não podia facilmente lhe dar. Assim, no fim das contas, foi bom para todos.”

O Fantasma se virou e se aproximou de Lázaro. “De qualquer forma, Stephan tinha muitas das características de sua mãe, exceto seu sotaque distante e *nortista*. Seu cabelo era do tom mais claro que eu já vi — quase branco. E sua pele era muito mais pálida do que,

Até mesmo a tez clara de Sophia, o brilho profundo de seus olhos azuis parecia lançar um raio misterioso, como cristais azuis diante de uma chama. Era muito parecido com o seu olhar enigmático, Lázaro. No entanto, ele era muito mais do que aparentava.”

“Stephan era notavelmente inteligente e astuto para a sua idade. No entanto, no sentido mais profundo — talvez, até mesmo em sua alma — eu sentia que sua própria existência carregava uma terrível maldição e um significado divino nisso. Na verdade, eu só pude testemunhar suas ações por um instante e fiquei, ao mesmo tempo, perturbado e admirado; pois o garoto demonstrava um senso de orientação incomum e inquietante, especialmente em momentos em que a maioria das pessoas poderia perder todo o equilíbrio. Mesmo com sua inegável habilidade — da qual posso atestar com toda certeza, por ter sido um praticante rigoroso e disciplinado da razão e da reflexão — sua demonstração contínua invariavelmente me incomodava. E nas inúmeras ocasiões em que Stephan exibiu seu dom peculiar, eu senti o mesmo: senti-me igualmente dividido e dilacerado entre duas partes opostas de mim que permaneciam, firmemente em conflito irreconciliável. Contudo, esse sentimento de divisão nunca persistia, pois meus pensamentos pareciam se acomodar em um espaço recém-criado, de equidistância, entre as extremidades opostas e em guerra de mim. Medicci levou a mão à testa, talvez para verificar se havia sinais de febre. Enquanto confessava, olhou para as estrelas: "E naquele espaço aparentemente morto de silêncio recém-descoberto, à parte os gritos da razão e do sentimento, parecia-me que eu podia observar com segurança as ações de Stephan à distância; e assistir, maravilhado, enquanto o rapaz conduzia meus sentidos, já cada vez mais debilitados, a um estado acolhedor, porém incômodo, de inconsciência." Abaixou a mão e olhou fixamente para Lázaro antes de balançar a cabeça negativamente. "O que Stephan fez?", perguntou Lázaro.

“Bem”, disse Medicci, respirando fundo e demonstrando aparente preocupação, “Stephan tinha tendência a sofrer episódios abruptos — ou ataques — em que não tinha plena consciência de si mesmo. Seus ataques eram frequentemente prolongados e talvez perturbadores para um observador desavisado, pois ele girava no mesmo lugar, com os braços abertos, olhando fixamente para cima. Nenhum grito alto, palma ou toque direto lhe roubava a atenção. Bastava colocar a mão sobre o rosto do menino, que ele girava por baixo; porém, se alguém tentasse bloquear seu braço ou impedir seu giro, Stephan entrava em fúria, gritando até conseguir continuar girando. De fato, durante esses momentos estava completamente alheio a tudo o que acontecia ao seu redor, não se lembrando de absolutamente nada depois. Era como se um véu invisível o tivesse envolvido, separando completamente seus sentidos do mundo. E nesse estado estranho e aparentemente isolado, ele... simplesmente *giraria* — e *giraria* — e *giraria*. Devo admitir que, mesmo por um instante, a mera

A visão dele girando me deixou atordoado — com a sensação de que eu poderia perder o equilíbrio, mesmo sem estar de pé. No entanto, Magdalena e Sofia já haviam se acostumado com os frequentes momentos em que o menino girava e fingiam não notar.” Medicci apontou o dedo para Lázaro. “E eu ousaria supor que, se o menino subisse em cima de suas cabeças para girar, e eu desse a menor pista ou aviso de um *'Stephan Girador'* no meio delas, certamente atrairia A ira era em dobro por eu chamar a atenção deles para isso. Eles sempre conspiravam contra mim assim — os dois.”

Lázaro se virou com um sorriso irônico de lábios cerrados e soltou uma rajada de riso. nariz.

"Deveria rir?", perguntou Medicci com um ar de superioridade, antes de continuar: "Mesmo assim, não podia simplesmente ignorar ou fingir que não via, especialmente com tantos vasos e pedestais preciosos ao alcance de um braço girando — e com fileiras de artefatos delicados alinhadas em todas as paredes do salão principal; não podia fechar os olhos."

Medicci cruzou os braços, assentiu com a cabeça e inclinou-se para mais perto de Lázaro, como se estivesse compartilhando um segredo. "No entanto, houve momentos em que Stephan teve seus ataques, e as mulheres estavam em outro lugar, deixando apenas eu e o menino sozinhos." Ele inclinou o queixo para a frente, sugerindo detalhes íntimos que estavam por vir, os quais ele compartilhou; "Em uma ocasião específica, Stephan entrou em um transe em que começou a girar diretamente sob uma entrada, seus braços abertos passando repetidamente por uma coluna de pedra apenas por um ângulo mínimo. Ao perceber isso, posicionei uma mesa de velas e uma cadeira ao lado do menino e da coluna fixa; e, sob boa luz, estudei o pequeno espaço entre seus dedos e a pedra próxima. Ele *girava* — e *girava* — e eu nunca desviei o olhar do breve espaço que ele criava a cada rotação. Procurei pela menor medida de deslocamento, onde seus dedos pudessem tender a se aproximar ou se afastar da coluna fixa; no entanto, a cada movimento de seus dedos, não havia absolutamente nenhuma variação perceptível nesse espaço. Por um longo tempo, Stephan girou perfeitamente no mesmo lugar. Era tão notável quanto perturbador." Após uma breve pausa, Medicci deu de ombros, admitindo: "Eu estava um pouco embriagado — talvez um pouco bêbado — quando as mulheres voltaram e descobriram que eu continuava a observar os movimentos de Stephan." O Fantasma olhou para baixo e esfregou o lado do rosto em triste lembrança, continuando: "As mulheres me expulsaram da mansão; jogaram minha cadeira e a garrafa de vinho para fora; e me mandaram ir medir os espaços entre as árvores."

Lázaro deu uma risadinha, recompôs-se parcialmente e perguntou: "O que a Igreja fez a Estêvão por causa de seus ataques?"

"Ah, não foi por causa dos ataques de Stephan — quando Stephan se contorcia, ele permanecia em silêncio. O

Church começou a suspeitar de Stephan quando ele abriu a boca — o menino realmente tinha uma língua afiada. Ele era muito parecido com a mãe nesse aspecto. Não quero dizer que ele falava de forma irreverente ou grosseira. Pelo contrário, ele era bastante reverente e articulado, chegando a demonstrar amabilidade mesmo em seus comentários mais diretos. O problema com Stephan era o seguinte: se uma ideia começava a lhe ocorrer, ele a expressava antes mesmo que a nova ideia tivesse se consolidado completamente. Às vezes, ele precisava conter a língua até que a ideia alcançasse seu desejo irresistível de expressá-la. De fato, ele parecia incapaz de refletir sobre um pensamento o tempo suficiente para avaliar seu valor ou adequação antes de compartilhá-lo em voz alta. Assim, se uma ideia estava se formando em sua mente, ela também estava se formando na mente daqueles que o cercavam, devido à sua inquietação. língua — sem falta, ele dizia o que pensava, mesmo que isso significasse sacrificar tudo o mais.

Esse detalhe específico sobre Stephan me incomodava muito — ainda mais do que seus acessos de delírio — especialmente quando ele conversava abertamente com um amigo próximo e frequente chamado 'Victor'.” Medici apoiou as mãos na cintura, franziu os lábios e assentiu. “E, assim como Stephan fazia com seus acessos de delírio, Sophia e Magdalena fingiam não ouvir as conversas descaradas e constantes do rapaz com o amigo. Eu representava meu papel da melhor maneira possível, não ouvindo. Mesmo assim, era uma tarefa verdadeiramente assustadora para mim conter minha língua quando as mulheres instigavam Stephan a conversas pessoais e detalhadas com o amigo, agindo como se Victor fosse da nossa família. Imediatamente, as mulheres sussurravam para Stephan, pedindo que ele perguntasse a Victor se ele gostaria de acompanhá-las em um passeio pelos jardins da mansão; ou faça um passeio de carruagem até a cidade; ou até mesmo jante conosco no próprio restaurante. no final da mesma mesa.”

Lázaro balançou a cabeça, visivelmente confuso. "Por que a presença de Victor o incomodava tanto?"

Medici ergueu a sobrancelha e afirmou categoricamente: "Victor nunca existiu."

“Mas você afirmou que Victor era amigo de Stephan, não é?”

“Eu disse que Stephan tinha um amigo próximo chamado Victor — só que esse amigo não existia de verdade. Além disso, Stephan não se permitia ter outros amigos, a não ser esse 'Victor'. que ele concebeu, completamente a partir da imaginação de sua mente.”

“E a Igreja ficou sabendo que Estêvão havia arranjado um amigo?”, perguntou Lázaro.

“De fato; quase imediatamente”, afirmou o Espectro. “Assim, o conselho da Igreja convocou Stephan para confissão sob juramento e testemunho completo. Antes, tentei convencer o rapaz a retratar-se de tudo sobre a existência de Victor; contudo, durante a audiência, sua língua inquieta respondeu a todas as perguntas do conselho, descaradamente e sem consideração. No fim, ele se recusou a abandonar seu suposto amigo. Em vez disso, enfureceu os anciãos do conselho, sugerindo que eles poderiam ser fracos, ao dizer que 'os velhos sofrem'.”

“De problemas de visão, enfraquecimento da audição, queda de cabelo e descamação da pele.”
Medicci balançou a cabeça. “Eu nunca deveria ter tido aquela conversa sobre os detalhes do envelhecimento com Stephan. Realmente, o rapaz tinha a língua solta.”

“Contudo, o conselho não condenou Stephan abertamente até que ele se apresentasse diante deles e conversasse em sussurros com Victor. Imediatamente, a Igreja ordenou que ele fosse colocado sob estrita reclusão para observação; após o que, descobriram seus acessos de fiar. Apenas um dia se passou antes que os anciãos do conselho convocassem Magdalena perante eles, para que ela testemunhasse o registro de suas descobertas. Desesperada e terrivelmente aflita, Magdalena implorou por minha companhia e, com ela, por qualquer influência que um médico respeitável da cidade pudesse exercer. Assim, acompanhei-a até a sala de oração do conselho na esperança de persuadir a Igreja a libertar Stephan sob meus cuidados especiais; no entanto, o conselho já havia chegado a um veredicto sobre a condição do menino. Em seu decreto formal, declararam que Stephan sofria de uma rara aflição, que exigia uma grave prescrição de tratamentos grosseiramente aplicados que estavam além das 'notavelmente estimadas, porém limitadas, capacidades dos médicos comuns'.”

Qual foi o veredicto?

“Qualquer tipo de tratamento que eles possam prescrever — e até mais”, resmungou Medicci. “No caso de Stephan, alegaram ter descoberto que ele sofria de depressão física.”
posse de uma súcubo.”

“E o que é um suc— yah—”

“Trata-se de um espírito demoníaco feminino — como o conselho claramente descreveu — que se liga a um mortal do sexo masculino, por meio de sedução espiritual, para extrair toda a sua essência. A Igreja descobriu que a demônia atendia pelo nome de *Lamiamubus*, ou nome semelhante; e após cuidadosa consideração clerical, chegaram à conclusão concisa de que o espírito demoníaco havia de alguma forma penetrado nos sonhos de Stephan, revelando-se ao rapaz, simplesmente como 'Victor', antes de violar sua alma.”

Lázaro deu de ombros. "Victor?" Ele respirou fundo. "Como a Igreja descobriu o verdadeiro nome do Demônio — essa '*Lamia*' —?"

— *Mubus* — completou o nome o Fantasma. — O concílio fez referência formal ao suposto histórico papal de um bispo notável, mencionado abertamente como "*Um Cão de Vermes*", ou algo do gênero — os detalhes de suas alegadas descobertas ainda me escapam, especialmente porque acredito sinceramente que eles arquitetaram uma explicação apressada para convencer e acalmar uma congregação enfurecida.

Lázaro estreitou os olhos, com uma expressão de suspeita surgindo em seu rosto. Ele contestou a afirmação de Medicci: "Não me lembro de um '*Cânone de Vermes*'; no entanto, li..."

de um *cânone sagrado*, escrito pelo Bispo de *Worms*. Seria essa a referência que você pretendia fazer?”

“*Cônegos—bispos—vermes—* não me recordo das palavras exatas do concílio da Igreja.”

Medicci admitiu com uma expressão de desdém, gesticulando descuidadamente com os dedos.

“Afim, eu era versado na arte da alquimia e servi diligentemente como médico; no entanto, meu conhecimento de liturgia era limitado.” Ele balançou a cabeça e suspirou.

“Mesmo assim, Stephan era um menino frágil; os repetidos açoites e feridas abertas faziam seu sangue coagular. Implorei à Igreja que me permitisse ver e tratar Stephan sob estrita supervisão clerical; contudo, o conselho negou-me todo o acesso ao menino. Em vez disso, e contrariando meu conselho sincero, os padres e médicos da Igreja procederam com uma prescrição de '*oleamento da cabeça*', juntamente com um rigoroso '*regime de sanguessugas*'.”

“O que é *lubrificação da cabeça*?”, perguntou Lázaro.

“Trata-se de uma prática de precisão clerical pela qual três agentes designados pela Igreja submergem a parte de trás da cabeça de uma pessoa possuída em uma tigela de óleo consagrado. O primeiro agente administra o óleo, esfregando-o sobre os olhos, nariz e boca do indivíduo, expressamente para eliminar toda percepção de espíritos malignos. O segundo agente administra oralmente escrituras em forma de oração durante a aplicação, para impedir que demônios e diabos próximos contaminem o óleo. No mesmo instante, um terceiro agente designado abençoa a respiração do indivíduo com um fluxo contínuo de fumaça sulfurosa e sublimada, soprando-a precisamente nos orifícios faciais do possuído. No total, o processo é bastante longo e complexo, exigindo três dias e três noites de prescrição contínua.”

“Já ouvi falar disso, mas o que é exatamente um *regime de sanguessugas*?”, questionou Lázaro.

“As sanguessugas são como vermes de rio que roem a pele e se alimentam de fluidos corporais. Os médicos da Igreja colocaram um monte suculento delas na virilha do menino, para sugar todo o seu veneno. Foi a última vez que ouvimos falar do agravamento do estado de Stephan; e passaram-se três dias até que o enterraram.”

Lázaro recuou a cabeça, perplexo. “Suas feridas não estavam nas costas? Onde?”

Eles o açoitaram?

“Eles se recusaram a dizer; e nunca vimos o corpo do menino nem sua lápide solitária — o local de descanso final de Stephan tornou-se um enigma desvanecido para todos nós.” O Espectro Deu de ombros. “No entanto, o menino era frágil e peculiar à sua maneira reservada; ainda assim ele nunca foi possuído, exceto por uma mente e um coração peculiares, porém verdadeiros. Dito isso, ele foi para um túmulo bem guardado, eternamente leal ao seu amigo fantasma. E eu suspeito que Stephan agora esteja em segurança no Céu, fora de si, e talvez para sempre girando e conversando com seu amigo, Victor.

“Aqueles foram tempos sombrios”, declarou Lázaro com um suspiro.

“Foi uma época sombria para todos”, afirmou Medici, “especialmente para as pessoas, tanto tolas quanto sábias, que não podiam facilmente pagar seus dízimos à Igreja. E para aqueles de nós que podíamos, que éramos instruídos e que ousávamos lançar um vislumbre de luz ou esperança nas longas e abrangentes sombras da Igreja, aqueles foram tempos verdadeiramente terríveis.”

“No entanto, com a sua riqueza, você poderia facilmente pagar seus dízimos, não é?”, perguntou Lázaro, sugerindo que Medici talvez tivesse sofrido menos do que a maioria.

O Espectro assentiu. “É verdade; eu me saí bem, mesmo com os dízimos excessivamente generosos que dava. A Igreja tinha uma predileção especial pelos ricos. Exigiam apenas o suficiente dos cofres dos abastados para manter os ricos em seus devidos lugares e, ao mesmo tempo, os taxavam pesadamente, de modo que não enriqueciam mais do que já eram. A Igreja permitia que somente ela mesma, seus agentes fiscais e pontifícios, e seus leais vassallos da nobreza, aumentassem suas riquezas. Mesmo assim, eu dava dízimos caridosos e palavras gentis ao clero antes de mandá-los embora, amaldiçoando silenciosamente o próprio chão que pisavam.”

“Em segredo, eu achava esses homens da Igreja, cheios de presunção e egocentrismo, absolutamente desprezíveis. Eu os desprezava, comparando-os a uma grande inundação de sanguessugas indolentes que se alimentavam dos bens materiais e dos esforços de todas as pessoas com quem entravam em contato. E, em troca de tais ganhos materiais, ofereciam meras palavras inúteis de autoridade, absolvição custosa e falsas promessas do Céu. Na verdade, esperavam bens reais e tangíveis em troca de proferir meras bobagens na forma de discursos vazios.” de retórica religiosa e política. E quer as suas confiscações consistissem em algumas lebres e vegetais colhidos de um camponês e sua esposa, ou numa bolsa de ouro e vários cavalos de um senhor e sua senhora, esses homens consideravam as suas palavras, orações e promessas — o seu tagarelice — tão valiosas quanto qualquer imposto, de qualquer quantia, imposto a qualquer pessoa. Afinal, aos seus olhos, a promessa da vida eterna era tão valiosa para um pobre como para um rei. E embora a noção de imortalidade pudesse momentaneamente saciar a fome de um estômago faminto, ou mesmo afrouxar os cordões da bolsa mais apertada, a amarga verdade é esta: não se pode encher a barriga de palavras antes de cavalgar para a cidade em oração, na esperança de cumprir uma promessa. Até os homens lânguidos, ineptos e tagarelas da Igreja sabiam disso; E era precisamente por isso que exigiam de todos tudo aquilo que se recusavam a prover para si mesmos: caça, vegetais colhidos, cavalos bem criados, fortunas familiares e o suor e trabalho de todos os ferreiros de todos os ofícios. E toda a riqueza Eles alegavam que os esforços tanto dos pobres quanto dos ricos contribuíam como pagamentos devidos de dízimos vitalícios devidos à Igreja.”

"Dízimos?" , perguntou Medici, incrédulo, antes de iniciar um novo raciocínio. "Serem separados para Deus? Será que esses homens da Igreja acreditavam ser Deus?" O Espectro acariciou brevemente o queixo num gesto melodramático de contemplação. Depois, deu uma risadinha e conferiu seus cálculos em voz alta. "Se bem me lembro, Deus não sofre com as dores da fome; tampouco anda de um lado para o outro a cavalo; nem vai à cidade fazer compras imoderadas." O humor de Medici escureceu e ele olhou diretamente para Lázaro. "Não, esses dízimos eram destinados ao estilo de vida parasitário e extravagante do clero da Igreja e seus círculos mais próximos. E, por minha parte, eu considerei O clero, em massa, era visto como nada mais do que antros comunitários de ladrões disciplinados, empenhados em confiscar as riquezas de todos os povos tementes a Deus. Eles se moviam de maneira muito semelhante a uma doença lenta e debilitante — comportando-se exatamente como uma praga alastrante e infecção desenfreada . Seu método não me era desconhecido, como posso atestar, ainda que gradualmente. Primeiramente, o clero contaminava as mentes do povo comum com Em primeiro lugar, a corrupção das mentes comuns semeava sementes desnecessárias de suspeita, apreensão e insegurança. Em segundo lugar, o clero corrompia progressivamente os povos afetados, administrando regularmente esses ensinamentos com o propósito expresso de substituir todos os seus antigos sentimentos de mérito e virtude por sentimentos debilitantes de indignidade e culpa. Por fim, quando o povo estivesse mais vulnerável e finalmente acreditasse ser a única causa e efeito de todos os acontecimentos desagradáveis e vergonhosos do mundo, o clero agiria para consumi-lo, quase até a morte — mas não completamente —, pois se apoiava e extraía constantemente de seu valor material. E, por último, o clero... usar esse valor recém-descoberto para contaminar ainda mais massas de pessoas antes satisfeitas e desavisadas, a fim de aumentar seus ganhos terrenos. De fato, esse método de infecção em massa e repetida foi amplamente concebido para se espalhar como uma praga de servidão coletiva — tudo em prol de acumular mais riquezas para a Igreja terrena, na forma de dízimos perpétuos."

"Dízimos, para Deus?" , perguntou Medici novamente, encostando-se em um trecho isolado da balaustrada enquanto voltava o olhar para o mar. "A Igreja não conhecia modéstia nem empatia em Seu desejo insaciável de pilhar todos os bens materiais — desde a confiscação da mísera cesta de vegetais de um camponês até a apreensão de um em cada três cavalos em suas províncias — jamais era saciado; seu apetite monstruoso jamais era satisfeito. E posso assegurar-lhes que a Igreja nunca distribuiu os vegetais dos camponeses aos famintos ou necessitados; e certamente não os ofereceu a Deus como holocausto. Direi-lhes precisamente o que fizeram com eles: apropriaram-se deles. Padres, bispos e cobradores de dízimos obesos jantavam com eles, apenas para depois regar os cochos de seus próprios porcos engordados com as porções de comida que sobravam para mais de uma refeição; deixando os camponeses a consolar seus filhos famintos e chorosos, que sofriam mais uma noite de tigelas

um toque de ervas.”

Medicci se virou para Lázaro e acenou com a cabeça. "Eu vi com meus próprios olhos, digo -lhe; conheci o padre gordo e seu chiqueiro, e também os camponeses infelizes."

Medicci deu um sorriso irônico. "Em segredo, dei à família faminta três cabras e dois brinquedos para as duas crianças."

crianças, uma generosa bolsa de moedas, e eu as fiz cumprir a promessa de nunca

confessarem o crime — especialmente à Igreja. Afinal, eu não queria que nem um único

osso, tendão ou pelo daquelas três cabras caísse no cocho dos porcos, para alimentar o

padre obeso, seus associados e mais porcos engordados. E os camponeses ficaram extremamente gratos.

Sabendo que eu havia arriscado a confiscação de todos os meus bens por ter feito uma

doação fora dos registros do tesouro do clero, a família manteve sua palavra, não

confessando nada do ocorrido; e nunca mais ferveram grama. Pouco tempo depois, o pai

daquela família tornou-se um dos meus queridos e confiáveis servos; e, eventualmente, alguém que carregou

“Meus restos mortais serão levados ao seu local de descanso final.” Medicci suspirou e sorriu. “Certamente,

não poderíamos ter providenciado para todos os camponeses da província; contudo, Sophia e eu

encontramos, em nossos corações, um profundo consolo por termos podido oferecer um vislumbre de esperança a

pelo menos uma família necessitada.”

Lázaro sorriu. "Tenho certeza de que eles foram eternamente gratos pela sua bondade. E acredito que talvez eu saiba, mesmo que minimamente, como você deve ter se sentido. Eu já fiz algo parecido."

"Ah?" Medicci ergueu o queixo. "Diga-me, por favor."

Lázaro conteve uma risada. Expressões de modéstia e constrangimento tomaram conta de seu semblante enquanto confessava: "Na verdade, não foi tão ousado ou duradouro quanto a sua bondade."

Ele deu de ombros. “No entanto, quando eu morava nas catacumbas da Abadia, levei uma parte da minha comida para um prisioneiro faminto; embora meu pai tivesse me instruído a comer toda a minha comida e me proibido de me aproximar das celas. Incomodava-me desobedecer a tais ordens;

contudo, a ideia que mais me intrigava era a de que eu poderia comer toda a minha comida e deixar

outra pessoa completamente sem nada, especialmente quando havia comida suficiente para compartilhar.

E enquanto jantava, eu sabia que, se comesse toda a minha comida — sem compartilhar nada

com uma alma faminta —, me sentiria mais vazio depois do que se tivesse apenas sentido o cheiro da

comida e nunca tivesse provado um único pedaço. Eu não podia negar essa ideia, assim como

não podia aceitar meu dever de obedecer às ordens que me foram dadas; então, ignorei meus

deveres e ajudei o prisioneiro em segredo — até mesmo para tentar libertá-lo do cativoiro.”

“E você o libertou?”

Ele recusou, pois já se considerava livre.

Bem, como se costuma dizer, 'os bons amigos vêm de homens famintos, mas bem alimentados'. Tenho certeza de que ele estava

"Sou profundamente grato por seus esforços altruístas, Lázaro."

"Eu acredito que sim", afirmou Lázaro, radiante. "E depois, mesmo tendo desobedecido aos meus deveres, senti-me mais satisfeito do que, talvez, se tivesse comido três cabras inteiras." Medici riu. "De fato. É exatamente o que eu sentia. Quem era ele, esse prisioneiro?"

O sorriso de Lázaro se desfez. Ele baixou o olhar. "Nunca soube seu nome. No entanto, ele disse que eu poderia me lembrar dele como *'Pobre Homem em Cristo'*."

A alegria de Medici desapareceu quando ele comentou: "Imagino que existiram muitos povos humildes e devotos como esses, há muito mortos e esquecidos, que poderiam ser lembrados e homenageados com um título tão apropriado, ao mesmo tempo vago e glorioso, no mesmo período." Bendito seja para sempre este homem, de quem vocês se lembram como Lázaro. É um título que qualquer Papa invejaria; contudo, vem acompanhado de uma veste comum, que ninguém ousaria usar. "Sim", afirmou Lázaro, "é apropriado; e assim me lembrarei dele."

"De fato, apropriado", observou Medici antes de apontar um dedo para o ar e declarar: "E, com igual rigor, se aplicada corretamente, esta expressão também se aplica: assim como a Igreja transborda como uma cornucópia inchada de obesidade, opulência e extravagâncias, jamais se ouvirá um homem da Igreja se vangloriar abertamente disso, chamando a si mesmo de 'Homem Rico da Igreja'". Afinal, se ele realmente obtivesse sua riqueza da bolsa pontifícia, jamais o admitiria abertamente, por medo de perder sua fonte de prodigalidade. E se fosse um homem da Igreja que honestamente não adquirisse sua riqueza dos cofres da Igreja, esta exigiria dele, com toda a razão de seu sucesso contínuo, a prestação de contas de dízimos adicionais. Assim, existem muitos homens ricos e piedosos da Igreja, vivos e bem, que poderiam ostentar com sinceridade um título tão pomposo e marcante; contudo, nenhum o faria honestamente e abertamente. Sabes porquê, Lázaro? Eu te direi. Do meu ponto de vista pessoal, a Igreja se assemelha a pouco mais do que um monte dourado e glorificado de larvas que se alimenta da decadência de uma Humanidade que sufoca lentamente; tudo isso enquanto, sozinha, mantém povos inocentes à beira da morte com suas repetidas secreções de veneno piedoso.

Lázaro o repreendeu: "Suas observações irreverentes me incomodaram muito por algum tempo." Você deveria se abster de falar tão duramente contra a Igreja e seus servos de Deus. Não quero mais ouvir falar disso."

A repentina demonstração de espanto de Medici se transformou em riso. Ele abriu os braços, num gesto óbvio de autopromoção. "Serei obrigado a comparecer perante o conselho da Igreja, quando eles permanecem surdos e cegos à minha presença? O clero me considerará culpado de heresia ou bruxaria e confiscará meus bens materiais, quando não possuo sequer um pedaço de carne? Sofrerei uma segunda morte por

Fogo? Será possível que os mortos temam a morte? Será que vou encontrar o inferno por causa de palavras duras?” Medici baixou os braços. “Tentei — em vão.”

“Você se apresenta como uma alma amargurada”, observou Lázaro sem rodeios. “Como você conseguiu o Céu, se seu coração—”

“Deus sabe”, interrompeu Medici, suspirando, “que carrego um fardo de ressentimento contra a Igreja. E com razão, pois o próprio Senhor Deus não exige nem mesmo isso.” Não é um *vigário de Cristo*, nem um exército de clérigos, nem um templo de mármore imponente e abobadado, que precisa se comunicar com o Seu rebanho. Desde os dias de Adão e Eva, e seus filhos, o Senhor falou diretamente com eles, através de seus próprios corações. E Ele nos ouve ainda hoje em nossas orações particulares. Onde, então, reside o lugar ou o papel da Igreja nisso tudo? Não há outra alternativa, digo eu, senão o redirecionamento e a corrupção da comunicação com o Divino.”

Os rangidos das tábuas de madeira tensionadas e em expansão reverberavam pela embarcação; e um bando de gaivotas, aflitas e pousadas no convés, alçou voo em direção à costa. Medici avançou e dirigiu-se a Lázaro de forma um pouco mais pessoal.

“Devo deixar claro para você, Lázaro, que não desprezo meu Senhor Deus simplesmente por questionar a

Os dois jamais se tornarão um. Eles não pertencem um ao outro por natureza. Não havia templo no Jardim do Éden — apenas uma árvore da tentação. Nosso Pai, que reside nos Céus, e Sua Santidade, que se autodenomina o *Pai da Igreja*, são tão distintos quanto o sol e a lua. Suas imagens distintas foram combinadas em uma única prática de culto fabricada por esses homens corruptos, oportunistas e vaidosos, que buscavam poder e controle sobre os recursos alheios. Vi seus segredos com meus próprios olhos. Por minha antiga posição social, status e privilégios, convivi com os mais perversos e ardilosos entre eles. Minhas generosas e contínuas contribuições para a Igreja mantiveram esses homens pomposos, hipócritas e parasitas à distância — e especialmente longe de minhas obras alquímicas mais *questionáveis*. Posso não ter lido as Escrituras, mas assisti religiosamente aos sermões da Igreja com minha querida Sophia, tempo suficiente para me lembrar da pregação das Escrituras. E uma lembrança que permanece nítida em minha memória é este mandamento: *‘Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão’*. Agora eu te pergunto, Lázaro. Se um homem é vaidoso o suficiente para insistir em ser chamado de Sua Santidade, alegando que ele

Ele é o mais alto agente de Cristo, e o fato de que *somente* através de sua Igreja outros podem encontrar a penitência adequada, a absolvição e o reencontro com o Senhor — não está errado da parte dele pensar assim?

Medici aproximou-se de Lázaro e perguntou de outra forma: “Se homens vaidosos e piedosos se atrevem a falar em nome do Senhor, então, por causa de tal vaidade, não estarão eles... Da mesma forma, tomarás em vão o próprio nome do Senhor teu Deus? Não está suficientemente claro?”

Lázaro respondeu, balançando a cabeça e virando-se. "Talvez você esteja distorcendo o significado de sua intenção original."

Mais tábuas rangiam no casco do navio.

Medicci insistiu em sua mensagem: "O Senhor conhece meu coração, Lázaro, e é precisamente por isso que me foi concedido o Céu. E o Senhor conhece igualmente os corações dos ímpios, que podem conspirar, por meio de intervenção, para se interpor entre Deus e o Homem, enquanto se proclamam o único caminho para o Céu — um caminho que só se conquista com dízimos, sangue, suor e sofrimento. Esses homens são monstros e beberiam com avidez e certeza o sangue derramado de seus filhos para saciar sua sede insaciável de poder e controle, movida por uma vaidade monstruosa e insaciável. Sempre foi assim, e sempre será — é da sua natureza — que o Mal permaneça mal, mesmo se autodenominando as 'Bom'. Em verdade, assim como a Maldade proclama veementemente ser o único caminho para a salvação."

Medicci percebeu o crescente incômodo no olhar de Lázaro e abruptamente filtrou suas opiniões *controversas*, refinando ainda mais sua palestra, mesclando observação científica e metodologia de investigação com convicção religiosa e práticas passadas para articular sua própria visão. deduções lógicas. "De acordo com minha nítida lembrança, não era um fardo que eu mesmo impus aos meus ombros, nem um que eu pudesse facilmente descartar, por minha própria vontade, sem perder de vista toda a verdade perversa. E, verdadeiramente, achei absolutamente abominável que a Igreja se comportasse de uma maneira precisamente proibida pelas Sagradas Escrituras. Em seus negócios dúbios, a Igreja sempre ordenou que nenhuma pessoa herdasse, cobiçasse ou valorizasse nada na terra, exceto a chance de um lugar no Céu, assim como a Igreja cobiçava e herdava todo tipo de riqueza terrena, na forma de dízimos col que ela generosamente dividiu entre seu vasto clero de agentes pontifícios. Como homem instruído, disciplinado e de estudo rigoroso, eu não poderia facilmente desobedecer aos meus próprios deveres e métodos meticulosos de observação e, ao mesmo tempo, ignorar os efeitos nocivos da prática da Igreja. Tampouco fecharia os olhos para as muitas causas do medo, da pobreza, Sofrimento e morte, que ocorriam em abundância sob seu domínio implacável. Eu não conseguia... Não faria isso. E por isso, como você bem percebeu em mim, o ressentimento é uma cruz que sempre carregarei."

O navio inclinou-se abruptamente e afundou num ângulo mais acentuado, as tábuas do casco estilhaçando-se e estalando entre as pedras da costa e a gravidade do seu peso instável. Lázaro preparou -se e lançou um olhar fulminante para o Espectro. O navio estabilizou-se quando uma nova quietude se instalou. Medicci cruzou os braços sobre o peito e continuou, como se o navio nunca tivesse se movido. "Como mais um exemplo da prática pontifícia, em que a Igreja rouba dos pobres para seu próprio proveito, certa vez vi uma carruagem dourada para o clero na praça da cidade, equipada com...

com seis cavalos ariscos e um cocheiro excessivamente gordo. A carruagem permaneceu imóvel diante de um A sapataria, com seu interior repleto de sapatos finamente confeccionados. Inicialmente, não dei muita importância ao momento; e talvez tivesse continuado meu caminho, se uma das marcas peculiares do cavalo não tivesse me chamado a atenção. A curiosidade falou mais alto; então atravessei a rua para observar melhor o animal e, como ainda não tinha certeza de sua identidade, chamei-o. O cavalo ergueu as orelhas e me avistou. Era um cavalo belo e dócil. Seu nome era Barlow — Magdalena ajudou a escolher o nome quando ele ainda era um potro. Barlow cuidava regularmente dos jardins de uma família camponesa que vivia nas antigas terras dos pais de Stephan. Mesmo assim, eu não esperava que Barlow se debatesse com tanta ferocidade contra as rédeas, a ponto de assustar os outros cavalos e enfurecer o cocheiro. O cocheiro estalou o chicote em minha direção, gritando tão alto que até o Papa em Roma ouviria. Depois, espancou o animal até que sua boca ficasse cheia de espuma." Medici suspirou. "Desde aquela manhã, sempre me arrependi de ter chamado Barlow daquela maneira. Certamente, confundi o animal com lembranças vagas de anos mais agradáveis e juvenis, que já se foram." O Fantasma assentiu. "De fato, muita bondade se perdeu nas sombras daqueles dias sombrios, onde parecia que até os animais de carga eram apenas cascas miseráveis do que um dia foram."

"No entanto, ainda existe muita bondade no mundo; e os dias nunca permanecem sombrios." Lázaro comentou: "Isso está claramente explicado nas Escrituras. O senhor não leu esses versículos?"

Medici deu de ombros sem ânimo, esboçando um leve sorriso no canto da boca. "Eu pretendia fazer isso... quando tivesse tempo. Infelizmente, o tempo acabou ... quando eu morri." Ele ergueu a sobrancelha, admitindo: "Eu tinha uma cópia das escrituras na minha biblioteca na época. Foi-me passada pela família Medici. Era bastante grande, antiga e pesada, com costuras ornamentadas e lombadas bem reforçadas. As páginas estavam repletas de imagens e inscrições coloridas. Disseram-me que era uma das três únicas criadas por monges beneditinos *nórdicos* na região italiana da Úmbria. Eu reuni Dizia-se que era o livro mais antigo da biblioteca da minha família, que era bastante extensa na época."

Lázaro baixou um olhar preocupado para as tábuas do chão antes de questionar Medici: "E com um livro tão belo, você não se lembra nem de um único versículo?"

"Nunca encontrei um momento livre." Seu semblante mudou abruptamente com um sorriso irônico. "No entanto, serviu a um propósito valioso, mesmo que nunca tenha sido aberto; simplesmente por estar na prateleira." "Seu lugar?"

"De fato. Era o primeiro livro na prateleira, posicionado bem à esquerda e precisamente perto e na mesma altura dos olhos de uma mulher italiana baixinha, de temperamento forte e zelosa, perto da entrada do escritório."

meu estudo.”

“Sofia?”

“Não. Sua mãe adotiva — sua tia de sangue. E aquele antigo livro de família era o primeiro item que ela religiosamente notava, fazendo comentários a cada vez que passava por ele.” Aquele tomo, meticulosamente colocado e intocado, drenava o próprio fogo de seus olhos *todos os dias*. Antes mesmo de entrar no meu escritório, ela se mostrava uma leoa justa na aproximação e uma ovelha tolerante na partida.” Medicci deu uma risadinha. “Com o tempo, as escrituras me protegeram bem do fanatismo inflamado da minha sogra.”

“Ao que parece, ela admirava muito o livro.”

“Com certeza. Era muito mais antigo que as escrituras da família dela.”

“No entanto, ela nunca lhe pediu para ver o interior — para ver suas palavras, imagens e páginas?”

“Não.”

“Ela chegou a perguntar se você leu o livro?”

“Nunca de passagem.”

“Ela simplesmente deduziu que você leu aquilo porque estava *lá*?”

“Sim”, Medicci conseguiu responder entre risinhos.

Lázaro refletiu, perplexo, antes de sugerir: “Parece que ela precisava que as escrituras fossem fechadas e deixadas ali, *mais* do que você precisava que fossem movidas e usadas.”

Os dois caíram na gargalhada.

“É claro que minha mãe não se convenceu tão facilmente”, enfatizou o Espectro. “As duas eram como água e óleo. Quando seus convidados se aventuraram além do escritório e avistaram a velha Eles invariavelmente perguntavam sobre o livro. Ao que minha mãe respondia fielmente: “Essa encadernação em particular pertence a ninguém menos que o próprio *Tomé, o incrédulo* .”

“Do apóstolo Tomé?”

“Exatamente a mesma. E quando estava incomodada comigo, ela sempre me chamava por esse nome, especialmente nos meus dias mais ousados, quando eu era um menino jovem e teimoso. Ela me chamava assim com tanta frequência que seus convidados me confundiam com Mestre *Thomas*, em vez de Mestre Gregory. Era bastante perturbador às vezes — e de fato era.” O Fantasma suspirou e olhou para o nada, refletindo sobre lembranças íntimas de séculos passados.

Ele caminhou um pouco, refletiu um pouco mais e finalmente continuou: “Como ex-escudeiro da Abadia, com acesso a todo o scriptorium da Abadia, devo admitir que você certamente é mais versado nas Escrituras do que eu; no entanto, só falo da Igreja de maneiras que se encaixam com os acontecimentos históricos. Não minto para você a esse respeito. E tampouco as muitas práticas confessadas pela Igreja e os vários registros históricos dão falso testemunho contra si mesmos — todos os relatos e registros compartilham as mesmas verdades. Assim, da mesma forma que

Você conhece profundamente as Escrituras, e eu sou igualmente versado em História, especialmente na arte da guerra e nos muitos eventos que moldaram a Igreja.”

“Assim como seu relato histórico indiscutível de 'montículos glorificados de larvas' — isso também fazia parte de sua *erudita* História da Igreja, Medici?”

O Fantasma lutou contra expressões de riso cada vez mais contorcidas antes de se recompor. “Bem, não exatamente. Mas, para tornar o discurso interessante, sobre um assunto tão árido quanto a Igreja, essas expressões não acrescentam um pouco de cor?”

Lázaro revirou os olhos. “Você só expressou negritude. *Negritude* é uma tonalidade?”

Medici deu uma risadinha e, em parte, cedeu à sua liberdade de expressão irrestrita.

“Muito bem, talvez eu tenha me excedido um pouco com a língua; por favor, me perdoe. Eu farei...”

Não farei mais nenhuma tentativa de transmitir as Escrituras, visto que não as conheço tão bem quanto você.

Contudo, devo ter a oportunidade de expressar minhas opiniões sobre a Igreja a partir de uma perspectiva puramente histórica, mesmo que você, inicialmente, se oponha a algumas partes delas.

Lázaro deu de ombros e concordou condicionalmente: “Contanto que a intensidade do seu desprezo pela Igreja não seja tão ofuscante.”

“Bem, eles realmente eram, de infinitas maneiras—”

Lázaro estreitou o olhar e o interrompeu abruptamente.

O Espectro ergueu o dedo no ar, deu um sorriso irônico e, educadamente, completou sua declaração pretendida: “No entanto, por sua causa, eliminarei toda menção a *vermes* e *aversão* absoluta à piedade predatória de minhas comunicações e transmitirei a você, talvez, uma versão mais palatável da história da Igreja — conforme me lembro distintamente, diga-se de passagem.”

“Talvez uma versão mais palatável de... *outra coisa?*” Lázaro insinuou uma mudança de assunto. “Talvez, quem sabe, mais sobre sua querida Sofia?”

“Muito bem, então. Talvez eu possa compartilhar com vocês o momento em que pedi a mão de Sophia em casamento aos pais adotivos? Devo compartilhar esse evento terrível, com direito ao seu próprio *'Livro de Don'*?”

Lázaro ergueu as orelhas e inclinou a cabeça como um cão curioso. “*'Livro de Daniel'*, você quer dizer?”

Medici riu. “Sim, exatamente. A tia de Sofia gritou a mesma coisa. Foi um momento bastante constrangedor para mim; mas, ao mesmo tempo, bastante engraçado e cheio de acontecimentos.”

“Gostaria de ouvir falar disso”, admitiu Lázaro com um sorriso renovado e recuperando a compostura.

“Então eu lhe contarei — talvez durante a viagem para a Itália. Imagino que você gostaria de ouvi-la novamente.”

“Tenho certeza disso”, respondeu Lázaro.

Outro estalo ressoou pelo casco de madeira, seguido pelo som de uma súbita onda de água abaixo do convés — ainda firmemente presa às rochas, a embarcação finalmente se rendera ao mar. A madeira gemeu e estalou, e o convés inclinou-se apenas um pouco mais. Ambos contemplaram o infinito oceano austral e as estrelas. Um vento constante soprava, trazendo consigo o aroma salgado do oceano. O som de ondas ininterruptas batia e gorgolejava abaixo deles, batendo sua espuma contra o casco do navio. Lázaro quebrou o silêncio entre eles. "Você disse que o oceano talvez seja mais profundo que as nuvens, lá no alto", afirmou Lázaro. "Será que é ainda mais profundo que as estrelas, lá no alto?"

"O próprio firmamento? Acho que não", respondeu Medici.

Você já voou até as estrelas?

O Fantasma deu uma risadinha. "Claro que não. E eu não ousaria arriscar, por medo de ser visto por todos os anjos existentes. Não há onde se esconder lá em cima", disse Medici, acenando com a cabeça para cima. "Meu lugar é aqui embaixo, procurando o Inferno — e minha Sophia."

"Eu procurei por toda parte, do topo das montanhas ao fundo do oceano." O Fantasma olhou diretamente para Lázaro e sorriu. "No entanto, acredito que minha busca terminou, com você como meu guia." Então, ele olhou para o mar e fez uma careta. "E eu realmente detestei vasculhar o fundo do oceano. Bestas marinhas horrendas e insondáveis nadam em seus vales profundos de escuridão eterna."

"Até monstros marinhos?" , perguntou Lázaro.

"Principalmente", afirmou Medici. "Testemunhei grandes Monstros espreitando nas profundezas das cavernas: Gigantes Brancos com cabeças enormes e sem corpo; e muitas pernas longas e soltas saíam deles — pernas tão extremamente longas que poderiam ter abrangido toda a extensão do maior navio mercante transatlântico. E vi enormes corpos Fantasmagóricos sem cabeça, que pareciam nada mais do que enormes toucas de natação recheadas de longos cabelos esvoaçantes — cabelos brilhantes que matavam suas presas. Também vi enormes morcegos marinhos desdentados com bocas escancaradas e longas caudas. E certa vez, deparei-me com um extenso leito marinho de amêijoas gigantes; a maior delas poderia ter devorado dois homens inteiros em sua concha abruptamente fechada." Medici bufou e fez uma careta, acrescentando: "E havia aquelas coisas pálidas e horrendas com cabeças—" Ele estremeceu em expressiva repulsa, continuando, "— eram como cabeças flutuantes, ostentando fileiras de dentes irregulares; e seus olhos enormes e bocas escancaradas consumiam quase todo o seu ser. Cabeças de olhos grandes e muitos dentes, eram elas. Reúnam, se puderem, um mundo subaquático, negro como breu, e repleto de cabeças ferozes e vorazes, brilhantes e flutuantes."

"Há cabeças monstruosas no mar", perguntou Lázaro, agora completamente cativado pelas descrições fantásticas de Medici sobre tais aberrações oceânicas, grotescas e titânicas .

"Bem, eles não eram tão monstruosos quanto os outros monstros marinhos."

Lázaro examinou as profundezas do convés esfarrapado do navio. "Seriam eles maiores até do que a Joia do Éden?"

Medicci talvez tenha empalidecido de vergonha antes de apresentar um espaço de cerca de sete centímetros entre os dedos e admitir: "Bem, eles são... deste tamanho; no entanto, são verdadeiramente horrendos na aparência, com seus corpos aparentemente incompletos — muito desproporcionais — e fantasmagóricos em todos os sentidos e aparência, muito parecidos comigo. Consegue imaginar? Horríveis, eles eram. Quando os vi pela primeira vez, acreditei que havia me aventurado perto dos portões do Inferno, já que certamente não pareciam... parecem ser algo do maravilhoso projeto do Senhor. No entanto, interpretei mal — eles eram não são do inferno. No entanto, até as aranhas podem ser mais bonitas, na companhia delas, como As aranhas têm corpos discerníveis e pernas capazes. No entanto, cabeças flutuantes, sem corpos nem pernas?" Medicci balançou a cabeça em desaprovação antes de lançar um olhar em direção à beira-mar. "É um pouco como aqueles grilos das cavernas — pernas grandes e compridas que parecem sustentar um corpo pequeno demais para um grilo comum. Não há equilíbrio algum em suas partes corporais." Ele estremeceu novamente. "É irritante, de um jeito estranho."

Eljo ponderava agora sobre a estranha ideia de um fantasma, outrora disciplinado em fisionomia, que sofria de fobia de desproporções orgânicas ou grotescos aspectos anatômicos. Ele franziu os lábios para conter a hilaridade que começava a lhe aquecer por dentro. Então, virou-se e mordeu o lábio antes de encarar Medicci com uma expressão aparentemente séria e preocupada. "Mas e se uma daquelas coisinhas em forma de cabeça fosse atirada em você, Medicci?"

O Espectro se virou e assentiu com a cabeça, declarando friamente: "Então eles teriam que morrer."

"As Coisas da Cabeça?"

"Não", latiu o Fantasma; "Quem jogou isso em mim!"

Lázaro engasgou e, entregue à completa hilaridade, curvou-se e perdeu o equilíbrio. *Crack! Splash!* Um trecho da balaustrada desabou no oceano e, se Medicci não tivesse agarrado Eljo abruptamente, Lázaro poderia ter caído de cabeça no mar. O Fantasma resgatou o humilde Lázaro.

convés do navio.

Lázaro se levantou. "Mas tu és um espírito; aquilo passaria facilmente por ti."

Medicci o libertou. "No entanto, isso só acontecerá uma vez. E não vejo nada de engraçado no que você possa sugerir."

Lázaro recompôs-se. "Perdoe-me, Medicci. Eu estava apenas—"

"Sim, eu sei; e você não é o primeiro a achar graça nisso. No entanto, lembre-se de que o último homem vivo que atirou um grilo-das-cavernas em mim se tornou meu paciente mais longo durante aquela curta temporada."

Lázaro o tranquilizou com um sorriso forçado e meio disfarçado: "Não farei tal coisa, Medici. E agradeço por ter me apanhado."

Medici piscou e deu de ombros. "Eu realmente acreditava que você precisava de um banho de água do mar; no entanto, eu apenas amparei minha Sofia quando você caiu; já que agora você está entre mim e ela."

Lázaro sorriu e assentiu. "Mesmo assim, estou em dívida com você."

"Está bom o suficiente", respondeu Medici, apertando as mãos contra as vestes e balançando para trás sobre os calcanhares.

Lázaro examinou a seção faltante da balastrada e o mar revoltado abaixo, e sua mente vagou para dias mais simples e antigos. Lembrou-se particularmente de um momento cômico em que ele, Miguel e Thateus estavam juntos no Poço, lavando barris de vinho vazios da Abadia. Miguel pulou na água e gritou que um O Monstro Marinho o havia agarrado. E embora soubesse que Miguel estava fingindo, já que conhecia intimamente cada reentrância e fenda dentro da pequena caverna do Poço, Thateus se apressou para salvar Miguel do suposto Monstro Marinho, repreendendo Lázaro por não ter feito nada para salvar Miguel de uma morte certa. Lázaro deu uma risadinha. Sempre envergonhado por seus companheiros ingênuos e travessos das catacumbas, ele ergueu o olhar para o céu estrelado.

"O que é isso?" perguntou Medici, semicerrando os olhos em suspeita.

"Não é da sua conta", disse Lázaro, acenando com a mão em sinal de desdém. "Apenas me lembrei de um momento há muito passado." Ele assentiu, explicando: "Certa vez, imaginei o mundo muito menor do que realmente é. Era mais agradável, quando eu o pensava pequeno."

"Como você chegou à conclusão de que era menos do que realmente é?"

"Bem, certa vez acreditei que os pássaros pudessem voar alto o suficiente, até mesmo para alcançar o Céu." Ele deu de ombros, admitindo: "Sei que não podem, mas mesmo assim desejei acreditar nisso."

Medici deu um sorriso irônico. "E como você pode ter certeza de que os pássaros não podem voar para o Céu, Lázaro?" Ele abriu os braços e olhou brevemente para cima. "Você já voou tão alto e tão longe a ponto de inspecionar cada canto do céu?"

Lázaro examinou os olhos de Medici antes de responder: "Posso ter tanta certeza quanto você, com sua crença semelhante de que seus monstros não vieram do Inferno, Medici. Você tem...?" vasculharam tão profundamente e tão longe, a ponto de inspecionarem cada parte do oceano?

"Eles não são *meus* monstros", respondeu Medici com um sorriso. "Mas talvez possamos ser."

"Estou bastante certo de ambas as ideias." Ele assentiu e elogiou Lázaro: "Há, de fato, um alquimista perspicaz e ponderado escondido dentro de você."

"E pelo seu equilíbrio entre fé e receio, creio que também poderás ser um excelente frade", disse Lázaro, de passagem, enquanto caminhava em direção ao centro do convés do navio. Medicci o seguiu.

Eles passaram por cima dos destroços espalhados e entraram numa clareira próxima à entrada do porão. Lázaro parou e fechou os olhos. Medicci contornou Lázaro. Observou -o respirar fundo e inclinar a cabeça graciosamente para cima e para baixo, e de um lado para o outro. E de fora e de dentro de si, Lázaro extraiu clareza e direção do aguçado senso de orientação de Eljo, sobre o qual sobrepôs simultaneamente as memórias imaculadas dos mapas da Abadia. Ele se virou e abriu os olhos em direção ao horizonte oceânico a sudeste. Medicci avistou suas pupilas agora dilatadas; e a aparente negritude delas quase drenou toda a tonalidade azul dos olhos de Lázaro. "Encontraremos nosso novo rumo nesta direção", declarou Lázaro, apontando para o horizonte oceânico. "Vamos embora?"

Medicci o examinou — olhou para o céu, localizou a estrela polar e seguiu o traçado das constelações cada vez mais para baixo, até que seu olhar se alinhou com o dedo indicador de Lázaro, precisamente na direção calculada da distante Ilha da Córsega. Ele franziu os lábios e balançou a cabeça. "E você ousa me acusar de bruxaria, quando eu apenas busquei uma lebre? Como você consegue navegar com tanta perfeição de olhos fechados?"

Lázaro sorriu e abriu as asas. "Você não é o único de nós com uma habilidade que não é bruxaria."

O Fantasma suspirou. "Vago o suficiente; uma boa reviravolta."

Lázaro perguntou: "Devemos rumar para a Córsega?"

Medicci estendeu a mão em direção aos céus, oferecendo-lhes a graça de Deus. "Para cima e avante, ilumina o caminho, Frei Lázaro."

Lázaro sorriu radiante, virou-se e abriu as asas.

Em uníssonos, abandonaram os destroços e alçaram voo para os céus noturnos, circundando-os apenas uma vez antes de traçarem um curso deliberado em direção ao mar. A Joia do Éden afundou na distância; as terras da França desapareceram; e sob o brilho de uma nova lua crescente, a superfície agitada do oceano finalmente se suavizou, transformando-se em uma lâmina cintilante de vidro fumê. Subiram ainda mais alto, até que as águas extensas do Golfo de Leão pareceram engolir o mundo inteiro, mais uma vez, como só Noé poderia ter previsto.

Contudo, mesmo com a paisagem marítima monótona e o horizonte infinito, o migratório Eljo e o frio e calculista Spectre jamais se desviaram de sua rota aérea entre a terra e os céus. Juntos, serviram como um conjunto indispensável de instrumentos, rivalizando até mesmo com...

As ferramentas de navegação mais importantes para qualquer capitão de navio. Eram como uma bússola e um sextante voando alto, navegando em linha reta sobre o abismo salobro do oceano.

Por mais sobrenaturais e talentosos que pudessem parecer, Lazarus e Medici ainda não haviam descoberto que o Destino em breve exigiria deles um esforço imensurável e um timing incalculável para desfazer o que já havia sido feito ao mundo. Contudo, esse ponto crucial da História ainda não havia chegado para eles — ou para a Humanidade, aliás.

[Fim do *Livro 1: Ressurreição*]



Esta obra literária foi criada exclusivamente em homenagem a

Edgar Allan Poe (1809-1849)

— Que seu legado viva em todos nós —



~[GothicNovel.Org](https://www.gothicnovel.org)~